



# MATERNIDADE NA ACADEMIA DURANTE A PANDEMIA DE SARSCOV2 DE 2020 A 2021: RELATO COLETIVO DE MÃES PROFESSORAS NO EXTREMO NORTE DO BRASIL EM UMA INSTITUIÇÃO FEDERAL DE ENSINO SUPERIOR

III Simpósio Brasileiro sobre Maternidade e Ciência, 3ª edição, de 06/12/2021 a 10/12/2021  
ISBN dos Anais: 978-65-81152-32-1

**ROSA; Jaqueline Silva da Rosa <sup>1</sup>, FERKO; Geórgia Patricia da Silva Ferko <sup>2</sup>, ROCHA; Daiane Tretto da Rocha <sup>3</sup>, COSTA; Rita de Cássia da Costa <sup>4</sup>**

## RESUMO

## INTRODUÇÃO

A discussão sobre mães na academia iniciou-se na década de 1990 <sup>[1]</sup>, potencializando reflexões em várias áreas<sup>[2]</sup>. A pandemia do Sarscov2 externalizou discrepâncias entre a maternidade e o trabalho docente e sinalizou urgência numa temática que avança pouco nas discussões científicas<sup>[3]</sup>. De uma hora para outra, as Instituições de ensino fecharam, em função do isolamento social; e as mães que antes, deixavam seus filhos em casa, com familiares, cuidadoras, em creches e em escolas, tiveram que lidar com uma realidade tensa: equilibrar os domínios trabalho e família em um único ambiente juntamente com seus filhos e demais familiares. Decerto, ser mãe que trabalha tomou uma conotação muito maior em tempos de COVID-19, uma vez que elas se tornaram verdadeiras malabaristas em meio aos cuidados dos filhos e os papéis a ser desenvolvidos<sup>[4]</sup> em função da carga doméstica<sup>[5]</sup> e profissional. Portanto, este resumo tem o objetivo de apresentar o relato de quatro mães professoras em uma Instituição Federal de Ensino superior no Extremo Norte do Brasil durante o período de pandemia nos anos de 2020 e 2021, a partir um estudo cartográfico. As razões que suportam a diferença em termos de produtividade na academia entre homens e mulheres ainda são incertas<sup>[6]</sup>, assim como as consequências desse fato. Contudo, nas mulheres, alguns sentimentos foram muito mais contumazes nesse período do que para os homens, a começar pela: culpabilidade, ansiedade, exaustão e impotência. Destarte, nesse resumo, realizou um estudo cartográfico com quatro mulheres, mães, professoras, servidoras públicas em uma Instituição federal de ensino, em Boa Vista (Roraima), localizado no extremo Norte do Brasil, as quais tiveram de se adaptar a um contexto de trabalho remoto, de forma abrupta. Por meio de uma cartografia, demonstramos como fora esse cenário, conciliando os domínios família e trabalho, com foco no ensino, na pesquisa, na extensão e na gestão.

## MÉTODO

Esse trabalho possui abordagem qualitativa, cujo método mais adequado fora a Cartografia. Ao registrar o cotidiano da vida, na percepção das quatro mulheres, por elas mesmas, triangulam-se: complexidades distintas em que os conceitos são construídos e reconstruídos de forma circunstancial, no que se chama de “devir”<sup>[7]</sup>. Isso expressa a multiplicidade da vida, do conhecimento e dos conceitos que se mostra em uma realidade repleta de incertezas e rupturas<sup>[8]</sup>. O período de produção se deu em outubro e novembro de 2021, com uso de diários de campo, individuais e, também, por meio de um grupo no *Whatspp*, que se tornara um canal de suporte e

<sup>1</sup> Universidade Federal de Roraima - UFRR, ja.q.s@hotmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Roraima - UFRR, geouffe@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Universidade Federal de Roraima - UFRR, trettogobbi@gmail.com

<sup>4</sup> Universidade Federal de Roraima - UFRR, risosta@yahoo.com.br

apoio para que essas mulheres compartilhassem angústias, alegrias, tristezas, problemas pessoais e profissionais dos mais variados, inclusive a produção acadêmica. De forma a organizar o conteúdo coletado e compartilhado, organizou-se em três categorias: a) Domínio família, b) Domínio trabalho e c) Confluência entre os domínios trabalho e família na SarsCov2.

## RESULTADOS

Ao iniciar os resultados, apresenta-se as mulheres-reladoras desse estudo cartográfico: mulheres-mães, com idades variando de 35 a 45 anos. Com filhos de idades entre 1 ano e 3 meses a 17 anos e todas professoras. Uma delas é doutoranda e continuou exercendo suas atividades laborais mesmo no *stricto sensu*. Duas delas são mães-solo e já doutoras, estando uma em cargo de gestão na Universidade. Quanto à primeira categoria, **Domínio família**, tiveram cenários transfigurados totalmente, pois o trabalho se estabeleceu no âmbito familiar. Não que isso já não fizesse parte da nossa rotina antes da pandemia de Sarscov2, pois professores tem uma carga de trabalho significativa fora da sala de aula, extensiva a sua casa. Decerto, o fato de se estar em casa, nos possibilitou um “olhar mais contínuo aos nossos filhos”, compartilhando mais horas de vivências é algo que nos trouxe um despertar. Esse despertar foi fantástico porque pudemos sentir o quanto os nossos filhos estavam muito mais carentes do que pensávamos. Quando falamos num olhar mais contínuo, não é apenas a visão; é algo mais profundo, pois estávamos ali, com eles, junto a eles, fazendo nossas refeições, muitas vezes, dormimos juntos, brincamos com eles e aprofundamos nosso diálogo. Nessa perspectiva esse “conviver” com nossos filhos foi algo fantástico. Foi uma reconexão familiar, ou melhor, um ressignificar das nossas relações com nossos filhos. A geração de emoções positivas foi algo marcante para todas nós, mesmo em tempos de muitas perdas, de muita tristeza, pois amigos e colegas de trabalho se foram com a Covid19. Mesmo, num momento incerto e inseguro, que de um lado sentíamos medo, do outro sentíamos alívio, por poder estar com nossos filhos, cozinhar, brincar, dançar, cantar e olhar em seus olhos e dizer o quanto os amamos. Isso não tem preço; na verdade, se instaurou um período longo de agradecimento ao criador por estarmos vivas e com nossos filhos. Além da ressignificação das nossas relações com eles, a nossa relação com o espiritual, também, tomou uma outra conotação. Poderíamos dizer que algo visceral aconteceu; transcendeu as rupturas<sup>[8]</sup> da realidade e se estendeu à vida; uma vida que estava ali, presente com nossos filhos. Já quanto ao **Domínio trabalho**, segunda categoria, apresentara desafios sem precedentes. O mais temido por nós, foi a incerteza de desenvolver um trabalho de qualidade. Como mencionado nesse estudo, são contumazes alguns sentimentos a nós mulheres-mães, a começar pela culpa. Essa se traduz na frase; “Poderia ter feito melhor”. Isso ficou potencializado porque o formato de aula mudou, a comunicação mudou, e isso foi um dos entraves propostos pela Sarscov2. Por mais que sejamos mulheres jovens, a tecnologia nunca nos foi um forte. E, de uma hora para outra, teríamos de dar aula remota. Vários questionamentos surgiram: “Vou conseguir dar aula remota? Como assim, o aluno não liga a câmera?”, “atividades acadêmicas para compor a frequência? como assim?em toda a aula?”, “passo 2 horas falando e os alunos não interagem”, “já usei vídeos, Jamboard, atividades em grupos, dinâmica de grupos, fóruns e outras tantas”. Além disso, outras situações aconteceram ao longo de todo esse período: nossos filhos apareciam na câmera enquanto estávamos ministrando aula; filhos pedindo para ir ai banheiro, com vontade de fazer o “número 2”, filhos gritando que estavam com fome, pedindo para comer uma banana, filhos querendo mamar no peito, e quando mais grave, filhos doentes, necessitando totalmente da nossa presença. Observamos a multiplicidade da realidade; as rupturas distintas e circunstanciais da casa, da vida, do contexto de cada uma de nós. A isso se soma: “preciso publicar”. Como sentaríamos para escrever um paper? Como passar horas nas bases de dados: *Web of Science*, *Scopus*, Portal da Capes? Como problematizar uma situação de pesquisa? Como buscar os melhores journals? Se o ensino, os filhos e a casa me tomam, por completo, as 8 horas do dia, mais as 4 horas do terceiro turno (noite)? Aqui volta a culpa; a impotência, a insegurança de se ter ministrado uma boa aula, de ser altamente produtiva, de entregar os resultados que gostaríamos, incluindo ser uma excelente aluna de doutorado. A sensibilidade para lidar com os alunos, que também, perderam entes queridos, amigos, colegas de trabalho. Muitas aqui, foram psicólogas de alunos; os acolhendo, sendo escuta a eles, apoio, motivação. Mas, nós sabemos que também, precisávamos de escuta; e por isso, o grupo do *Whats*, funcionou como um canal de suporte para quando meu

<sup>1</sup> Universidade Federal de Roraima- UFRR, ja.q.s@hotmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Roraima - UFRR, geoufpe@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Universidade Federal de Roraima - UFRR, trettogobbi@gmail.com

<sup>4</sup> Universidade Federal de Roraima - UFRR, risosta@yahoo.com.br

filho adoecia e eu perguntava as demais, o que eu poderia dar a ele. Quando eu adoecia, me sentia fraca, sozinha, pois ser mãe-solo e única provedora do seu lar é uma tarefa árdua. Um dos caminhos para a resolução da produção acadêmica foi nos juntarmos em grupo e publicarmos juntas; separávamos as tarefas: uma estrutura o objetivo do artigo, a outra procura nas bases, a outra submete ao evento e assim se deu esses dois anos de inseguranças e incertezas. Se não fosse esse suporte, não sei como teríamos suportado esse desafio. Houve uma situação, em especial, de apresentação de trabalho em um evento em que o filho da apresentadora adoeceu, e ela teve de solicitar que a outra colega apresentasse esse artigo no evento; isso há 30 minutos de começar a apresentação. O interessante que a moderadora da sessão do evento, compreendeu a situação e deixou a colega apresentar. Isso é ajuda mútua, isso é parceria de mulheres que compreendem e entendem a realidade das demais. A perspectiva é avançarmos; sabemos que há uma diferença em termos de colocação nos cargos de lideranças das mulheres nas empresas, da quantidade de mulheres nas ciências, principalmente, nas tecnológicas, nas engenharias e que a maior parte das publicações de alto impacto pertencem aos homens. Mas, temos a perspectiva de que isso vá mudando aos poucos; mudanças são processuais. Temos de demonstrar e nos legitimar, enquanto mulheres competentes, pesquisadoras que ainda tem um caminho longo a perseguir e trazer avanços a nossa área de conhecimento. Temos de estrategiar, em redes de apoio, como essa nossa, um grupo de mulheres do curso de administração de uma Universidade Federal de ensino superior, em Boa Vista (Roraima) que se une para lidar com os desafios da pandemia de Sarscov2. Quanto à terceira categoria, a **Confluência dos domínios trabalho e família na SarsCov2**, a palavra confluência foi decidida pelo grupo porque converge a um mesmo ponto; desde a pandemia o ponto que é único, convergente ao trabalho e à família é o nosso lar. Nossas casas foram os pontos confluentes entre esses dois domínios, e por vezes, ficávamos sem saber qual o papel a ser desempenhado. Isso sem falar, nas demandas de alunos, que nos chegavam, uma hora da madrugada pelo *whats*, ligação de aluno no domingo, às 17 horas por causa da postagem de atividades no AVA da Universidade. Reuniões virtuais, aulas remotas, avaliações de *papers* para revistas, projetos de pesquisas para serem finalizados, trabalhos do doutorado para fazer, filhos que adoecem, maridos que adoecem, orientações de trabalhos de conclusão de curso que os alunos entravam na disciplina depois de um mês do início das aulas. Como malabaristas, orquestramos esses desafios não como gostaríamos, mas como foi possível equilibrar todos os pratos girando ao mesmo tempo. Em muitos momentos, pensávamos que não iríamos dar conta; às vezes, gostaríamos de ir à Marte, sumir por umas horas e depois retornar ao planeta terra. Esses pratos estavam pesados, e a isso se soma esse esforço de legitimação, o esteriótipo de “Mulher maravilha” que não deveríamos pensar em nos encaixar, porque somos limitadas, somos humanas. Contudo, uma carga cultural e nossa autoconstrução pesa em nossos ombros, frutificando o sentimento de culpa. Acredito que tenha uma frase que nos marcou muito nesse período: “sem culpa e com orgulho”; demos o melhor de nós, demos o que foi possível; não foi fácil, deu medo, mas o apoio de mulheres conhecedoras e que compartilham dessa realidade nos ajudou a suportar essa carga. Interessante trazermos, que no ano de 2021, no segundo semestre, nos reunimos presencialmente, com todas as medidas de segurança sanitária, em momentos “além universidade” com nossos filhos, em piquenique e happy-hour. Isso tem nos ajudado bastante; de forma singular a cada mulher e nos fortalece enquanto profissionais e seres humanos. O apoio seja virtual ou presencial desse grupo foi uma forma de ultrapassamos os desafios familiares e de trabalho, que muito nos auxiliou na nossa saúde mental e no fortalecimento da nossa resiliência. Duas questões fundamentais a todos os profissionais em tempos pandêmicos. Precisamos compreender que a mulher não é apenas para acolher o outro, nós precisamos de cuidados, nós precisamos ser acolhidas e não nos cobramos por não darmos conta de tantas demandas que nos aparecem diariamente, repetimos aqui a frase: “sem culpa e com orgulho”.

## CONCLUSÃO

O objetivo desse estudo foi apresentar o relato de mães professoras em uma Instituição Federal de Ensino superior no Extremo Norte do Brasil durante o período de Sarscov2 nos anos de 2020 e 2021, o que foi alcançado e enfatizou-se os desafios e perspectivas dessas mulheres. Sabemos que

<sup>1</sup> Universidade Federal de Roraima- UFRR, ja.q.s@hotmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Roraima - UFRR, geoufpe@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Universidade Federal de Roraima - UFRR, trettogobbi@gmail.com

<sup>4</sup> Universidade Federal de Roraima - UFRR, risosta@yahoo.com.br

a fusão dos domínios trabalho e família, em função da pandemia, rompeu tentativas harmônicas entre eles<sup>[3,9]</sup>, contudo as mulheres professoras, mães, esposas ou não, precisam de qualidade de vida e bem-estar. A realidade da produção acadêmica, em sua maioria, é registrada por homens e essa situação foi potencializada com a pandemia. Coube à mulher, desenvolver os papéis de mãe, professora, esposa, do lar, acolhedora, resolvedora de conflitos, cuidadora dentre outros tantos papéis. Isso tem um reflexo significativo nos resultados de produção acadêmica, pois essa mulher tem muito mais tarefas domésticas do que os homens<sup>[10]</sup>. O que acaba, também, por evidenciar, a atividade muito mais enfatizada de ensino às mulheres, em detrimento à pesquisa, à extensão e à gestão. Percebemos que a maioria dos trabalhos abordando a temática da maternidade na academia se reserva muito mais a relatos e estudos de caso, como é o caso desse resumo. Contudo, indicamos a realização de estudos de antecedentes e consequentes à relação entre maternidade e academia, assim como variáveis moderadoras e mediadoras nessa relação; isso porque as razões que suportam a diferença de produtividade no meio acadêmico entre mulheres e homens são incertas. Estudos de metaanálise, com uso de estatística inferencial, também podem clarear o campo e propiciar indicações de uma agenda de pesquisa nessa área.

**Palavras-chave:** Maternidade. Roraima. Docentes. Pandemia de Covid19.

## REFERÊNCIAS

1. WEBB, E. Academy: the view from below. Academic medicine does not fit in with motherhood. **BMJ: British Medical Journal**, 315(7120), 1997.
2. ALMEIDA, C.I. Maternidade e academia: políticas de inclusão de gênero na academia. Dissertação (mestrado) da **Escola Superior de Propaganda e Marketing do Programa de Mestrado em Administração**, Gestão Internacional, São Paulo, 2020.
3. BURK, B.N.; PECHENIK MAUSOLF, A.; OAKLEAF, L.. Pandemic motherhood and the academy: A critical examination of the leisure-work dichotomy. **Leisure Sciences**, v. 43, n. 1-2, p. 225-231, 2021.
4. GUY, B.; ARTHUR, B. Academic motherhood during COVID-19: Navigating our dual roles as educators and mothers. **Gender, Work & Organization**, v. 27, n. 5, p. 887-899, 2020.
5. MYERS, K.R. et al. Unequal effects of the COVID-19 pandemic on scientists. **Nature human behaviour**, v. 4, n. 9, p. 880-883, 2020.
6. MORGAN, A.C. et al. The unequal impact of parenthood in academia. **Science Advances**, v. 7, n. 9, p. eabd1996, 2021.
7. DELEUZE, G.; GUATTARI, F. O que é a filosofia? 1991. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.
8. BARRETO, R.O.; CARRIERI, A.P.; ROMAGNOLI, R.C. O rizoma deleuze-guattariano nas pesquisas em Estudos Organizacionais. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 18, p. 47-60, 2020.
9. MASON, M.A.; GOULDEN, M. Do babies matter (Part II). **Academe**, v. 90, n. 6, p. 10-15, 2004.
10. SCHIEBINGER, L.; GILMARTIN, S.K. Housework is an academic issue. **Academe**, v. 96, n. 1, p. 39-44, 2010.

**PALAVRAS-CHAVE:** Maternidade, Roraima, Docentes, Pandemia de Covid19